

Régine Robin (1939-2021) e a incontornável escrita da sobrevida

Régine Robin (1939-2021) and the unavoidable of survival writing

Kelley Baptista Duarte¹

Recebido em 7 e aprovado em 30 de outubro de 2021.

Resumo: Entre celebrações e despedidas, este artigo propõe somar-se às inúmeras homenagens realizadas nos últimos meses à Régine Robin, escritora nascida na França que escolheu o Quebec como lugar de produção e inspiração intelectuais. O objetivo, aqui, é seguir um itinerário de vida e de produção para destacar o texto robiniano como espaço de sobrevida na convergência dos temas identidade, memória e biografia.

Palavras-chave: memória, identidade, vida, texto, biografia

Abstract: Between celebrations and farewells, this article proposes to add to the numerous tributes made in recent months to Régine Robin, a French-born writer who chose Quebec as a place of intellectual and inspiration productions. Here, the objective is to follow an itinerary of life and production to highlight robinian's text as a survival space in the convergence of their themes identity, memory and biography.

Keywords: memory, identity, life, text, biography

Introdução

As palavras servem para isso, para impedir
que os homens se apaguem completamente
Régine Robin cita Romain Gary

Nessa edição comemorativa, que registra os vinte anos da revista INTERFACES, outros dois acontecimentos atravessam a escrita deste artigo. 2021 demarca vinte anos do meu encontro com os estudos canadenses, selado com minha primeira participação no Congresso da ABECAN, em novembro de 2001, na cidade de Porto Alegre - RS. Na contramão dessas celebrações, 2021 fica marcado pelo falecimento de Régine Robin, escritora que influenciou meu percurso canadianista de formação profissional e que, hoje, permeia o trabalho docente e de pesquisa que desenvolvo.

Meu encontro com Régine Robin aconteceu naturalmente, ao longo dessa caminhada de estudos e de descobertas, e se deu por meio daquelas que eu chamaria de atravessadoras culturais ou “mediadoras interliterárias”, para utilizar a expressão de Tânia Franco Carvalhal² (2000). São elas, Zilá Bernd, Eurídice Figueiredo, Nubia Hanciau e Maria Bernadette Porto, as primeiras canadianistas brasileiras a compartilhar traduções e leituras críticas sobre a obra de Régine Robin.

Fui iniciada no universo robiniano com a leitura de *La québécoise* (1983), obra que me despertou curiosidade e estranheza pelo título subversor do adjetivo pátrio “québécoise” [quebequense]. Nela, entendemos as inquietações de uma identidade (trans) migrante que, mesmo estando em território de confluências culturais de sua escolha, não se enquadra à nomenclatura gentílica do lugar: “Quebecidade, quebecitude – eu sou outra. Eu não pertença a esse Nós tão frequentemente utilizado aqui – Nós outros – Vocês outros”³ (ROBIN, 1983, p. 53-54). A leitura de *La québécoise* determinou meu encantamento por uma autora que, com o tempo, compreendi ser inclassificável em três aspectos: em sua identidade, em sua formação profissional e, sobretudo, em sua linha de produção intelectual.

Historiadora, Geógrafa ou Socióloga? Professora, Tradutora ou especialista em Análise do Discurso? Escritora de teoria, de crítica, de ficção ou de historiografia literárias? Franco-canadense, “quebequista”⁴, francesa ou parisiense? Judia ou não? Nenhuma, isoladamente, mas todas ao mesmo tempo. *La québécoise* talvez seja a melhor leitura para traçarmos um perfil biográfico e conhecermos Régine Robin. É essa obra, de gênero híbrido, que nos encaminha para a compreensão de uma identidade construída no plano das mobilidades culturais e que nos apresenta a escrita-espelho de uma autora do fora-do-lugar.

R. Robin esteve no centro do estudo crítico que propus desenvolver, em dissertação de mestrado, defendida em 2005, sobre os desmembramentos da escrita autobiográfica e sua evolução para a autoficção. Nesse primeiro trabalho de formação em pós-graduação, *Le Golem de l’écriture. De l’autofiction au Cybersoi* (1997) foi referência teórica para o debate atualizado sobre autoficção⁵. Esse termo, anunciado no título da obra de R. Robin e que subverte o modelo clássico de autobiografia, é apresentado pela autora na relação

com outras modalidades do texto contemporâneo. Para ela, seja o texto um romance, uma autobiografia ou uma autoficção, ele obstina-se a misturar, a confundir os traços, as referências e, com isso, obstina-se também a buscar intensamente a polifonia do sujeito, sua disseminação, sua incapacidade de se enquadrar em sua própria imagem por meio de todos os tipos de procedimentos de escritura, de textualidade, que vão do duplo à ventriloquência (Cf. ROBIN, 1997, p. 25).

Seguindo as pistas deixadas por essa produção, dediquei-me, posteriormente em tese de doutorado, ao estudo das principais produções de R. Robin que revolucionam o campo do literário em perspectiva inter e transdisciplinar. Nesse estudo crítico de tese, concluído em 2010⁶, defendi, sobretudo, a inovação autoficcional robiniana e as convergências de uma escrita da mobilidade que imbrica teoria, crítica, história, memória e os desdobramentos do biográfico na ficção.

Régine Robin, percursos de Rivka Ajzersztejn

Tu tens um passado, uma família, uma língua, uma cultura
(...) – Tu tens um nome – Tu só tens um nome “RIVKA
AJZERSZTEJN”.
Olha esse nome, é o teu.
Régine Robin

Régine Robin-Maire é filha de judeus poloneses que migraram para a França e fixaram residência no bairro Belleville, em Paris. Ela nasceu nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1939, na capital francesa e com o nome de batismo Rivka Ajzersztejn. Diplomou-se na Sorbonne, nos anos de 1960, em Geografia e em História, iniciando, nesse mesmo período, a carreira de professora. Lecionou História em uma escola de Dijon e posteriormente na Universidade Paris X. Em 1977 migrou para o Quebec e em 1982 passou a lecionar Sociologia na UQAM – Universidade do Quebec em Montréal. De 1970 a 2020 publicou um total de vinte livros, paralelamente a diversos artigos escritos para periódicos, revistas e que também se somam a incontáveis conferências, colóquios e demais eventos acadêmicos.

Com a publicação de *La québécoite*, nos anos de 1980, R. Robin faz sua entrada no rol das escritas migrantes do Quebec. Movimento literário, posteriormente reconhecido

e periodizado⁷ pela denominação “Literatura migrante”, as escritas migrantes ou de migração têm sua primeira onda marcada pela circulação das revistas inter e transculturais *Dérives* (1975-1987) e *Vice Versa* (1983-), tendo o romance de R. Robin, datado de 1983, inaugural na escrita literária em prosa.

Apaixonada por grandes metrópoles, R. Robin se dizia flaneuse⁸ contemporânea de Paris, Montréal, Nova York e Berlin. Seu vínculo com essas cidades é percebido na abordagem de temas como a pós-memória, a mobilidade cultural e as identidades híbridas e migrantes nesses/desses espaços cosmopolitas. Na relação com tais temas, está a reflexão profunda e questionadora sobre a judeidade, deixando evidente, no conjunto de sua obra, o compromisso transgeracional de transmissão cultural. Não por acaso, R. Robin, leitora exímia, foi admiradora da obra de Franz Kafka, Romain Gary, Georges Pérec e Patrick Modiano, escritores que expressaram diferentemente suas inquietações sobre a condição de ser judeu, ou mesmo sobre ser herdeiro de um judaísmo não praticado.

De certa forma, a admiração por esses escritores também revela uma identificação no plano da relação íntima com o judaísmo familiar, mesmo que essa cultura tenha sido sufocada pela assimilação forçada e necessária no período datado da ocupação nazista na França:

Meus pais agiam na maior contradição dos Judeus daquela geração: manter a judeidade, naquilo que faz a diferença, a língua, os costumes, a cultura, com exceção da religião, mas ao mesmo tempo assimilar-se, ser mais francês que os Franceses. “Tu aprenderás na escola, assim como as crianças argelinas e as negras da África que ‘há mil anos nosso país se chamava Gália e seus habitantes os gauleses’”⁹. (ROBIN, 1979, p. 21)

Por trás de todo o exercício textual de revisitar um passado, que resgata a micro história familiar, há também a tentativa de reapropriação de uma identidade. “Ser judeu, simplesmente” – como R. Robin diz em *Le cheval blanc de Lénine ou l’Histoire autre* (Op. cit, p. 28). Ser Régine na França dos Gauleses, mas ser a Rivka dos judeus e também a Yaël – seu nome em hebraico. É dessa forma que a América, mais precisamente Quebec, lugar de confluência e de livre expressão cultural, se torna o local do exercício de sua judeidade.

Na coletânea *L'immense fatigue des pierres* (1999), escrita e publicada em Montréal, cujo subtítulo “bioficções” aponta indícios da manipulação ficcional de fragmentos biográficos, encontramos a mediação dessas identidades. No conjunto de novelas, inseridas nessa coletânea, R. Robin manipula personagens, tais como Yaël e Rivka, que são declaradamente seus desdobramentos. Trata-se de R. Robin dialogando consigo mesma no exercício de escrever a vida, as bio-ficções. Régine Robin e Rivka Ajzersztejn, duas identidades, duas culturas e duas memórias que se unem no texto: a memória-real de Régine francesa e a memória-ficção de Rivka judia.

Fragmentos da infância no período de ocupação

Sempre haverá, mesmo que rachada, esburacada, ensanguentada,
uma memória ídiche a ser construída.
Régine Robin

R. Robin nasceu e viveu no período mais extremo de perseguição aos judeus. A ocupação nazista e os campos de extermínio marcam sua infância e, decerto, estão presentes em todo processo de uma escrita que, podemos dizer, é produzida à sombra de um passado irrefutável. É R. Robin quem declara no livro *A memória saturada* (2016):

Na verdade, eu sou de uma geração que viveu a Segunda Guerra Mundial. (...) Bem mais tarde compreendi que tudo saía da guerra, estivesse ela em questão ou não. Na verdade, salvo exceção, eu não escrevo sobre a guerra, mas com a guerra. Na minha escritura de ficção, recorro à colagem, à montagem, à composição (...). Eu falo de um passado dessignificado, de uma história que perdeu o senso e não pode dizer mais nada. Nem romance, nem grande narrativa, eu escrevo num cenário de fraturas e recolha de destroços, estilhaços, fragmentos e vestígios. (...) Memória coletiva, dever da memória, trabalho da memória, abusos da memória etc. Em última análise, não falamos mais nada além disso, escrevemos apenas sobre essa questão. (ROBIN, 2016, p. 18- 19)

Assim sendo, em « Gratok, langue de vie langue de mort », R. Robin percorre a memória, para (re)construir no texto a colagem de um passado fragmentado no período da ocupação. Nessa novela autoficcional, inserida na coletânea *L'immense fatigue des pierres* (1999), ela reúne lembranças da infância, preservadas pelas histórias de família,

e regista, sobretudo, as consequências da presença nazista naquela criança que viveu a ocupação em Paris.

A narrativa logo apresenta ao leitor os elementos factuais que ligam a personagem principal à autora. As identidades homônimas entre a personagem da novela “Gratok” e a escritora não são evidentes, pois o nome da menina protagonista nunca é mencionado. Mesmo assim, os diversos fragmentos biográficos, os vestígios encontrados em outras obras de R. Robin confirmariam a identidade homônima entre autora, narradora (em terceira pessoa) e personagem principal.

Estamos em Paris, no bairro Belleville, no ano de 1944, com a ocupação nazista e o refúgio de um grupo de judeus em uma velha garagem. Protagonizando a história, encontra-se uma menina judia que se vê dividida entre dois mundos, entre duas culturas e entre duas línguas, o francês e o iídiche. Sobre ela, o leitor é informado de que tem pouco menos de seis anos e que seu pai é prisioneiro de guerra. Em Paris, ela e sua mãe precisam se esconder para escapar da prisão massiva que deporta judeus aos campos de concentração. À noite, ficavam escondidas, mas, durante o dia, elas e os demais ocupantes daquele lugar saíam para atividades diversas.

Todos carregavam no braço a estrela amarela que os identificava como “judeus” e todos falavam iídiche. No entanto, somente na garagem era permitido falar essa língua, pois, do lado de fora, quem a falasse seria levado pelos soldados alemães. A menina, a única criança do grupo da garagem, não usava a estrela no braço devido à pouca idade, fato que lhe causava estranhamento com relação aos outros.

Enquanto a mãe realizava suas atividades diurnas de costureira, a menina ficava aos cuidados de uma jovem francesa chamada Juliette. A mãe sabia que, se fosse capturada, ao menos a menina teria alguém para criá-la e educá-la. Junto de Juliette, que a levava para passear e ir ao teatro, a menina conheceu uma atmosfera diferente daquela da escura e silenciosa garagem. Os lugares que frequentava com a jovem eram lugares de luz e de conversas em francês. Isso fez com que a menina judia se sentisse dividida entre dois mundos, ambos ambientados por suas línguas, ou seja, o iídiche, língua que ela entendia ser a da morte, e que “cheirava a gás e a fumaça” (cf. ROBIN, 1999, p. 90, 93), e o francês, a língua da vida. O francês tornou-se, portanto, o idioma que a menina sonhava

um dia falar; falar como Juliette: “- Tu sabes, quando eu for grande, eu falarei francês como tu falas. Faremos barulho e acenderemos todas as luzes. Eu falarei o francês, não o iídiche (...)”¹¹ (p. 91).

Essas lembranças são narradas pela própria menina, já na vida adulta. O distanciamento narrativo, pela escolha do uso da terceira pessoa, pode ser interpretado pela não identificação dessa mulher madura, francesa aculturada, com a menina judia. R. Robin apresenta, nessa novela, uma metaficção para abordar o exercício de lembrar passagens tão remotas da infância, sem deixar de lado a reflexão sobre a produção autoficcional de uma “escrita reparadora”¹² que visita o passado para entender o presente. Ou seja, outra interpretação verossímil para a novela seria a necessidade de R. Robin buscar compreender as razões da aculturação e do apagamento do iídiche que um dia ela, menina, já falou.

Muitos dos acontecimentos recompostos nessa novela são retomados e revisitados em outras produções. Podemos ler, na introdução de *A memória saturada*, a lembrança de Juliette, a babá francesa; dos cuidados que precisava ter com os “homens de uniforme”; da Liberação de Paris e de Belleville (Cf. ROBIN, 2016, p. 18). Da mesma forma para a passagem sobre o uso da estrela de Davi no braço. Em *A memória saturada*, R. Robin reconhece tratar-se de uma lembrança construída a partir da transmissão oral; um episódio certamente contado pela mãe ou por outros da família:

Na distribuição das estrelas amarelas, o responsável, na delegacia, dá apenas duas à minha mãe, uma para ela e uma para meu irmão. (...) O decreto de Pétain estipula que as crianças com menos de seis anos não deverão usar a estrela. (...) Começo a gritar porque eu quero esse pedaço de pano que se distribui a todo mundo, menos a mim (eu devo ter dois anos). Minha mãe, assustada com o barulho que faço, pega essa estrela e um alfinete de cima da mesa. Ela a prega no meu pulôver e, no seu nervosismo, espeta-me. Grito mais forte, sem compreender o que poderia significar esse gesto que marcava literalmente uma identidade fixada no meu corpo. (Op. cit. p. 18)

Trata-se, portanto, de uma memória transmitida e presentificada pela escrita. É dessa forma que o texto de R. Robin cumpre sua função de sobrevida, pois nele as lembranças pessoais, misturadas àquelas dos relatos familiares, são recuperadas para

perpetuar a história pessoal e a cultura familiar fortemente marcada, nessa novela, pelo dilema entorno da língua iídiche.

A escrita desses fragmentos de histórias pessoais e alheias assume, portanto, uma nova função: estabelece a ponte que permite uma passagem inversa, ou seja, do esquecimento à memória; da morte à vida.

Memória e escrita da sobrevida

Eu evoco, eu reconstruo, eu imagino.
Régine Robin

Os fragmentos da História, os restos de memória ou vestígios existenciais de identidades diversas são elementos factuais fecundos para a produção de R. Robin. *Le cheval blanc de Lénine ou l'Histoire autre* (1979) é um exemplo dessa confluência de elementos que movem a escrita híbrida da autora. Trata-se da primeira publicação que subverte as fronteiras de gênero literário e de estrutura narrativa.

Com dedicatória aos pais, nascidos em Kaluszyn, na Polônia, essa obra é construída em torno da memória familiar e da identidade judaica. Nela, a autora traça um percurso de escrita pautado na micro História, sem deixar de refletir sobre as lacunas da grande História, sobre a própria formação intelectual e sobre suas estratégias de escrita memorial. Em *Le cheval blanc de Lénine ou l'Histoire autre* R. Robin refaz a História oficial e registra “outra história” recuperando fragmentos biográficos, histórias orais e anedotas da família, dando a essas narrativas um status documental. *NA memória saturada*, ela explica: (...) Tomem isso como “anedotas”, “historietas” se quiserem! Elas balizam, entretanto, meu percurso, minha já longa memória, minha escritura de ficção e ensaios. Algumas de minhas lembranças pertencem ao “mundo dos ex”, outras ao dos sobreviventes (2016, p. 18)

Le cheval blanc de Lénine ou l'Histoire autre é a primeira ponte que liga o passado ao presente do texto. Nela R. Robin evoca as lembranças de sua infância no bairro predominantemente judeu, Belleville, em Paris; descreve os ofícios do pai barbeiro e da mãe costureira e rememora os afetos e as tradições familiares transmitidos nas canções em iídiche.

A necessidade de reapropriação da memória familiar e de escrever o que restou de suas origens justifica-se pelos familiares exterminados nos campos de concentração de Auschwitz e Treblinka (cf. ROBIN, 1979, p. 12). Foram aproximadamente cinquenta e uma pessoas de sua família, dentre elas a irmã mais nova de sua mãe, Magnale, morta aos 17 anos em Treblinka.

Essas pessoas, todas anônimas para a História oficial, são lembradas pela autora em uma estratégia que podemos chamar de inscrição textual ou sobrevivida literária. Ao lembrar-se de sua jovem tia, R. Robin imagina como poderia ter sido o segmento de sua vida em Paris (Cf. 1979, p. 25). Os demais familiares são lembrados e perpetuados com o registro de seus nomes no texto. R. Robin constrói um modelo de lápide textual e evoca, com uma lista de nomes, os deportados judeus que nunca voltaram dos campos. Citá-los, mesmo que em lista, também representa dar-lhes uma sobrevivida:

O verdadeiro desaparecimento é aquele da massa anônima. O que se deixa depois de uma vida “normal”? Vestígios em um registro civil, as certidões de nascimento e de óbito (...). Um túmulo no cemitério, uma lápide e, se o tempo não apagar, um nome, uma inscrição, datas. (...) Depois de várias gerações, quando a lembrança desvanece, quando as concessões ditas para perpetuidade chegam ao fim, não resta quase mais nada. Esse desaparecimento, essa imersão dos anônimos no nada é o destino comum da humanidade. Somente a curiosidade de um historiador ou de um romancista pode dar vida novamente aos desconhecidos, anônimos e esquecidos (ROBIN, 2016, p. 96)

Considerações finais

A verdadeira morte é o esquecimento.
Régine Robin

Montréal, a « Yiddishland¹³» de Régine Robin, foi a cidade escolhida para morrer. Seus últimos dias coincidem com o período de confinamento da Pandemia COVID-19. Viver isolada, quase escondida, com o prenúncio de uma morte anunciada pelo câncer avançado, certamente lhe impulsionou a escrever. Adina Balint (2021), no recente artigo publicado para esta revista, no volume 21, recupera as últimas contribuições de R. Robin, sendo uma delas o artigo que compõe o coletivo *Récits infectés* [Narrativas infectadas].

Em seu texto, « La réactivation d'un traumatisme de guerre: Paris confiné » [A reativação de um traumatismo de guerra: Paris confinada] R. Robin une as duas pontas: presente e passado, Montréal e Paris.

A reativação do trauma acontece com a notícia que demarcou o início do confinamento na França. 16 de março de 2020 seria o (re)começo de tudo. Ainda em Paris, no início da pandemia, R. Robin observa o caos instaurado na cidade e o esvaziamento daquele lugar em poucos dias. Esse movimento desordenado pelo terror lhe fez rememorar a evacuação de Paris no período que ela chama de “êxodo de 1940”. E para aqueles que não tinham como escapar; para aqueles que ficaram, ela compara:

No mesmo dia e no dia seguinte, uma numerosa quantidade de clientes fazia fila na entrada de um supermercado perto da minha casa. Eles saíam de lá com carrinhos repletos de numerosos litros de óleo, de quilos de açúcar, de farinha, de arroz, pilhas de sabão e de rolos de papel higiênico. (...) Como não evocar as filas do período da Ocupação, os pânicos quando era preciso estocar de qualquer jeito e encontrar óleo no mercado ilegal quando só se conseguia couve-nabo e alcachofra-girassol¹⁴ (ROBIN, n.p., s/d).

De Montréal, ela seguiu acompanhando os noticiários que apresentavam as decisões do governo francês e anunciavam uma saída gradativa do confinamento datada para o 11 de maio de 2021. No entanto, o retorno proposto excluía, inicialmente, os idosos. E sobre esse decreto, que ela apontou ser discriminatório, R. Robin lança seu olhar crítico e questiona a política de Macron. Ela estava certa de que poderia não estar mais entre nós para enfrentar essa decisão de outra maneira. O texto seria seu último lugar de protesto.

Foram muitas as manifestações lamentando a morte de Régine Robin, em 03 de fevereiro de 2021. Notas e artigos foram publicados para comunicar sua partida e lembrar suas contribuições. No Brasil, Zilá Bernd escreve para o *Correio do Povo* seu adeus “à múltipla escritora”; Philippe-Jean Catinchi, no jornal francês *Le monde* despede-se da “historiadora” enquanto Sophie Wahnich, no *Libération*, destaca, em sua despedida, as contribuições críticas de uma “historiadora indisciplinada”. Em Montréal, na coluna de Catherine Lalonde no *Le Devoir*, a homenagem resume “vida e morte de uma *québécoise*” e o CELAT¹⁵, centro cultural que integra diferentes Universidades do Quebec, agradece as contribuições “da professora, membro emérita”, que integrou o centro em 1999.

No registro de diferentes despedidas que anunciam o vazio deixado com sua partida, encontramos o convite para descobrirmos a imortalidade de uma produção intelectual. Régine Robin e Rivka Ajzersztejn estarão sempre conosco. A morte não existe quando há sobrevida no texto.

Referências

- BALINT, Adina. In memoriam: Régine Robin (1939-2021). *Interfaces Brasil-Canadá*. Florianópolis/Pelotas/São Paulo, v. 21, 2021, p. 1-5. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/21344> Acesso em 07/9/2021
- BERND, Zilá. O adeus da múltipla escritora Régine Robin. *Correio do Povo*. Artigo do Caderno de Sábado. Porto Alegre, 06 de março de 2021. Também disponível em: https://www.academia.edu/45478349/O_adeus_da_m%C3%BAltipla_escritora_R%C3%A9gine_Robin Acesso em 05/9/2021.
- CARVALHAL, Tânia Franco. De traduções, tradutores e processos de recepção literária. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. v. 5, n. 5, 2000. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/72/73> Acesso em: 12/8/2021.
- CATINCHI, Philippe-Jean. La mort de l'historienne Régine Robin. *Le Monde*. Le 16 février 2021.
- DÉCÈS de Régine Robin, membre émérite du CELAT. *CELAT – Cultures-Arts-Sociétés*. Le 08 février 2021.
- DUARTE, Kelley. *A escrita autoficcional de Régine Robin: mobilidades e desvios no registro da memória*. Tese de doutorado. Porto Alegre/RS, Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, 2010.
- HAREL, Simon. *L'écriture réparatrice*. Le défaut autobiographique. Montréal: XYZ éditeur, 1992.
- LALONDE, Catherine. Régine Robin: vie et mort d'une Québécoise. *Le Devoir*. Le 05 février 2021.
- ROBIN, Régine. *A memória saturada*. Tradução: DIAS, Cristiane e COSTA, Greciely. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.
- _____. *La Québécoise*. (Roman) Montréal: Québec-Amérique, 1983.
- _____. La réactivation d'un traumatisme de guerre : Paris confiné. *Récits infectés*. Collective en ligne. Disponível em : <https://recitsinfectes.com/la-reactivation-dun-traumatisme-de-guerre-paris-confine/> Acesso em: 20/9/2021.
- _____. *Le Golem de l'écriture. De l'autofiction au Cybersoi*. Montréal: XYZ, 1997.
- _____. *Le cheval blanc de Lénine ou l'Histoire autre*. Bruxelles: Ed. Complexes, 1979.

_____. *L'immense fatigue des pierres*. (Nouvelles). Montréal: XYZ éditeur, 1999.

WAHNICH, Sophie. Régine Robin, l'historienne indisciplinée. *Libération*. Le 12 février 2021

Notas

- ¹ Professora associada do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no município de Rio Grande - RS, Brasil. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2802-9361>; E-mail para contato: kelleyduarte@yahoo.com.br
- ² No estudo e na elaboração das teorias comparatistas, T. Carvalhal destaca a importância da tradução no processo de circulação literária e de acompanhamento da evolução das formas, dos efeitos, dos gêneros, estilos e atitudes críticas que não são as nossas. Trata-se de um recurso essencial nas relações com o Outro. T. Carvalhal acrescenta que o tradutor é, portanto, “um intermediário exemplar que torna possível a circulação de uma literatura engendrada em outra língua, mas também de costumes e dados culturais veiculados pelo texto traduzido” (2000, p. 87). Entendemos, aqui, o tradutor no sentido extenso do termo para contemplar as atividades de pesquisadores e de leitores críticos de obras internacionais.
- ³ Tradução livre de: « Québécoité, québécoitude – je suis autre. Je n'appartiens à ce Nous si fréquemment utilisé ici – Nous autres – Vous autres ».
- ⁴ Tradução livre que retoma o título da obra *La québécoite*.
- ⁵ Nessa obra, R. Robin apresenta a seguinte definição: “A autoficção é, de alguma maneira, a identidade narrativa se reconfigurando, mas se desfazendo ao mesmo tempo em que se tece”. Tradução livre do original: « L'autofiction, c'est, en quelque sorte, l'identité narrative se reconfigurant, mais se défaisant en même temps qu'elle se tisse » (1997, p. 24)
- ⁶ “A escrita autoficcional de Régine Robin: mobilidades e desvios no registro da memória”. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Porto Alegre – RS, 2010.
- ⁷ O reconhecimento dessas escritas no âmbito da Literatura do Quebec só acontece nos anos de 1990, com a circulação desses textos no domínio da pesquisa e dos estudos literários acadêmicos.
- ⁸ Flexão feminina de *flâneur*; adjetivo criado pelo escritor e poeta Charles Baudelaire para designar aquele que observa a cidade, seus arredores e passeia sem destino. O *flâneur* de Baudelaire experimenta um passeio físico que o inspira ao pensamento filosófico e a uma forma diferente de ver e sentir as coisas.
- ⁹ Tradução livre do original: « Mes parents se mouvaient dans la contradiction majeure des Juifs de cette génération : maintenir la judaïté, ce qui fait la différence, la langue, les coutumes, les fêtes, la culture à défaut de la religion, mais en même temps s'assimiler, être plus français que les Français. Tu apprendras à l'école comme les petits Algériens et les Noirs d'Afrique qu' 'il y a deux mille ans notre pays s'appelait la Gaule et ses habitants les Gaulois' ».
- ¹⁰ Originalmente publicada pelas edições Stock, em 2003, sob o título *La mémoire saturée*. Todas as citações dessa obra serão feitas de sua tradução para o português.
- ¹¹ Tradução livre do original: « Tu sais, quand je serai grande, je parlerai français comme toi. On fera du bruit et on allumera toutes les lumières. Je parlerai le français, pas le yiddish (...) »
- ¹² Expressão que dá título à obra do pesquisador canadense Simon Harel. *L'écriture réparatrice*. Le défaut autobiographique. Montréal: XYZ éditeur, 1992.
- ¹³ Interpretada como “a terra do iídiche”. Expressão que dá nome a um dos subcapítulos da obra *Le cheval blanc de Lénine ou l'Histoire autre*.
- ¹⁴ Tradução livre do original: « Le même jour et le jour suivant, une armée de clients inquiets faisaient la queue à l'entrée d'une grande surface près de chez moi. Ils en ressortaient avec des caddies pleins à craquer de nombreux litres d'huile, des kilos de sucre, de farine, de riz, des piles de savon de Marseille et des rouleaux de papiers de toilette. (...) Comment ne pas évoquer les queues de la période de l'Occupation, les paniques quand il fallait faire des provisions à tout prix et trouver de l'huile au marché noir alors qu'on n'obtenait que des rutabagas et des topinambours ».
- ¹⁵ CELAT - Centro de Pesquisas em Artes, Culturas e Sociedades.